

# Para 1986, previsões pouco alegres dos economistas paulistas

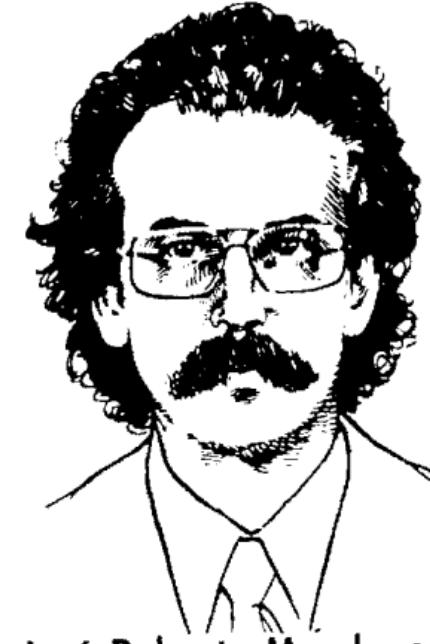
por Vera Brandimarte  
de São Paulo

Os economistas se enganaram em seus prognósticos sobre a economia em 1985. A expansão econômica continuou em ritmo acelerado, sustentada pela demanda do mercado interno, e as perspectivas de explosão inflacionária não se confirmaram, embora as taxas também não tenham caído para patamar mais baixo. Agora, o mesmo pessimismo quanto a uma possível elevação das taxas de inflação está presente nos prognósticos para o ano de 1986, conforme pôde ser constatado nos artigos publicados na Carta de Conjuntura do Conselho Regional de Economia de São Paulo neste mês de dezembro.

## ASCENSÃO

Ao expor ontem as idéias contidas em seu artigo, o economista José Roberto Mendonça de Barros afirmou que as taxas de inflação anualizadas, dos dois últimos trimestres deste ano, estão próximas a 250%, mas a expectativa de sua ascensão deve-se a dois agravantes nesse quadro: a quebra da safra agrícola, que deverá repercutir negativamente nos preços agrícolas no próximo ano, e a necessidade de recomposição dos preços públicos, dois fatores que não existiam no horizonte das análises econômicas do final do ano passado.

Mendonça de Barros considera, entretanto, que, embora a inflação em janeiro e fevereiro deva manter-se em patamar elevado, ela poderá cair em meados do ano, devendo repetir o comportamento de 1985, caso o governo realmente consiga êxito na administração do corte dos gastos e no orçamento das estatais e fundos e programas. De resto, ele acredita que o governo conseguirá equacionar seu déficit com a desmobilização do ativo público e ganhos tributários, caso seja aprovado o "pacote" pelo Congresso.



**José Roberto Mendonça de Barros**

## ELEIÇÕES

Mas o economista Paulo Singer, do Cebrap, ressaltou, em sua exposição, um outro fator de pressão inflacionária forte: a continuidade das demandas por recomposição de salários, particularmente num ano de eleições. Singer destaca o caráter corporativista do movimento sindical: "Uma categoria hoje faz uma greve com sucesso e cria um padrão para as reivindicações de outras categorias. Se não houver um acordo, um pacto social, como queiram chamar (que inclua a redução da taxa de inflação), essas demandas salariais poderão levar à hiperinflação.

Enquanto Mendonça de Barros considera que um crescimento da economia a níveis acima de 6 a 7% poderia comprometer o saldo da balança comercial necessário para cobrir o serviço da dívida externa, Paul Singer observa que taxas de expansão de 8 ou 10% poderiam atenuar as pressões inflacionárias e evitar o choque de oferta.

Os dois economistas concordam com a necessidade de que se façam novos investimentos. Mas os empresários ainda estão inseguros quanto à renegociação da dívida externa e à inflação, diz Mendonça de Barros, e por essa razão não há projetos novos de investimento pesado.